

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA *13*


ANNA BLUME

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO
manuscrito
L I T E R Á R I O

mANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

SÃO PAULO – JANEIRO de 2005

<http://utopia.com.br/apml>

<http://www.fflch.usp/dlm/napcg>

Conselho Editorial

ALMUTH GRÉSILLON

AMÁLIO PINHEIRO

JULIO CASTAÑON

RAUL ANTELO

ROBERTO BRANDÃO

WILLI BOLLE

YEDDA DIAS LIMA

Editoria Científica

CECILIA ALMEIDA SALLES

PHILIPPE WILLEMART

SÔNIA M. VAN DIJCK LIMA

TELÊ ANCONA LOPEZ

Diretoria Editorial

CECILIA ALMEIDA SALLES

Projeto Gráfico e Capa

LUCIANO GUIMARÃES E DENISE PAIERO

Ilustração de capa

PARTITURA DE VITOR KISIL

Paginação

RAI LOPES

Editor Responsável

JOSÉ ROBERTO BARRETO (Mtb 21 287)

Revisão Especializada

MARLENE GOMES MENDES

Vendas

Annablume Editora e Comunicação Ltda.

Rua Padre Carvalho, 275 – Pinheiros

05427-100 – São Paulo – SP

Fone/Fax: (011) 3812-6764

<http://www.annablume.com.br>

SUMÁRIO

EDITORIAL7
CECILIA ALMEIDA SALLES

DEPOIMENTO DO ESCRITOR ANTÔNIO CALLADO9

ARTIGOS

DA CRÍTICA DO PROCESSO À CRÍTICA AO PROCESSO 43
CLÁUDIA AMIGO PINO

A VISÃO EXISTENCIALISTA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA POR
JEAN-PAUL SARTRE 73
KLEBER PEREIRA DOS SANTOS

POR UMA EPOPÉIA DO PROVISÓRIO: O LUGAR DOS CADERNOS
NA RELAÇÃO ENTRE PAUL VALÉRY E A HISTÓRIA 95
ROBERTO ZULAR

UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO: FREUD E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA 105
SYLVIA RIBEIRO FERNANDES

A "LENDA DA FARINHA": RELATOS ORAIS DE UMA MESMA
TRAMA TECENDO UM GRANDE TEXTO DA CULTURA EM
PROCESSO 135
MARCIO HONORIO DE GODOY

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GROTESCO NOS MARIONETES DE ÁLVARO APOCALIPSE	161
CRISTIANE MIRYAM DRUMOND DE BRITO	
DESVENDANDO UM LABIRINTO: AS "TRADUÇÕES" DE RINA SARA VIRGILITO	181
SERGIO ROMANELLI	
MANUSCRITOS: FONTE DE PESQUISA PARA A TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA	195
CRISTIANE GRANDO	
<i>POEM E NORTH HAVEN: A TRAJETÓRIA INTERSEMIÓTICA DE UMA POESIA/PINTURA NO PROJETO ARTÍSTICO DE ELIZABETH BISHOP</i>	207
ATHINÁ ARCADINOS LEITE	
THE NORTH OF BRAZIL IN BISHOP'S WORK	223
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO JAQUELINE DA SILVA BARBOSA	
A PRESENÇA DO EXPRESSIONISMO EM <i>PAULICÉIA DESVAIRADA</i>	253
ROSÂNGELA ASCHE DE PAULA	
OTTO LARA RESENDE E SEU ROMANCE INACABADO	269
FLÁVIA DE OLIVEIRA NUNES	
ESTA DISCÓRDIA LATENTE QUE REINA NO CORAÇÃO DE CADA POEMA: A CONTRADIÇÃO, PRINCÍPIO CRIADOR NOS MANUSCRITOS DE SAINT-JOHN PERSE	293
ESA CHRISTINE HARTMANN	

MANUSCRITOS: FONTE DE PESQUISA PARA A TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA¹

CRISTIANE GRANDO
IFCH-UNICAMP

RESUMO

A tradução, a análise e a interpretação literárias podem ser construídas de forma mais objetiva através da pesquisa de manuscritos da obra estudada. Os manuscritos literários apresentam caminhos de leitura mais exatos e fiéis ao projeto original do escritor. Estudando manuscritos da escritora paulista Hilda Hilst (Jaú, 1930 – Campinas, 2004), apresentaremos dois casos que ilustram a importância das pesquisas de crítica genética para os estudos tradutológicos e de crítica literária. Mesmo que o

1. Este trabalho é parte de minha tese de doutorado “A obscena senhora Morte: odes mínimas dos processos criativos de Hilda Hilst”, defendida em 2003 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), sob orientação do Prof. Dr. Philippe Willemart. A pesquisa contou com o apoio financeiro da FAPESP e foi apresentada no GT de Crítica Genética do XIX Encontro Nacional da ANPOLL, Maceió-AL, em 01/07/2004.

tradutor e o crítico não optem por realizar uma análise genética, a consulta e a leitura de manuscritos da obra estudada – originais ou reproduções em fac-símile apresentados em teses, livros e artigos – servem como meio para construir um trabalho fiel ao projeto do escritor.

RESUMÉ

La traduction, l'analyse et l'interprétation littéraires peuvent être construites de manière plus objective à travers la recherche de manuscrits de l'oeuvre étudiée. Les manuscrits littéraires présentent des chemins de lecture plus exactes et fidèles au projet originel de l'écrivain. On présentera des études des manuscrits de l'écrivain Hilda Hilst, brésilienne (1930–2004): il s'agit de deux cas qui illustrent l'importance des recherches en critique génétique pour développer des études de traduction et de critique littéraire. Même si le traducteur et le critique ne veulent pas réaliser une analyse génétique, la consultation et la lecture des manuscrits de l'oeuvre étudiée – des originaux ou des reproductions fac-similées présentés dans les thèses, les livres et les articles – servent comme moyen pour construire un travail fidèle au projet de l'écrivain.

ABSTRACT

Literary translation and literary criticism can be developed in a more objective way with the help of the researches of the manuscripts of the studied writer. The literary manuscripts present more accurate ways of reading and understanding the original project of the writer. Studying manuscripts of the Brazilian writer Hilda Hils, (1930-2004), we will present two cases that illustrate the importance of the research of critical genetics for the studies on translation and literary criticism. Even if the translator and the critic do not decide to develop a genetic criticism, the reading of manuscripts of the studied writer - original or reproductions in fac-simile presented in thesis, books and articles - serves as a means of being more faithful to the project of the writer.

“A crítica genética deslocou o olhar do pesquisador do produto acabado para o processo que inclui esse produto considerado como uma das versões.”

Philippe Willemart

“...a ‘crítica genética’ propõe-se a renovar o conhecimento dos textos à luz de seus manuscritos, deslocando a interrogação crítica do autor para o escritor, da escrita para a escritura, da estrutura para o processo, da obra para a sua gênese.”

Pierre-Marc de Biasi

a tradução, a análise e a interpretação literárias podem ser construídas de forma mais objetiva através da pesquisa de manuscritos da obra estudada. Os manuscritos literários apresentam caminhos de leitura mais fiéis ao projeto original do escritor. Neste artigo, apresentaremos casos que ilustram a importância das pesquisas em crítica genética para os estudos tradutológicos e de crítica literária. Um exemplo bastante ilustrativo é apresentado por Philippe Willemart no texto inédito “Criação, pesquisa e arte em Marcel Proust (1871-1922)”, que tive a oportunidade de ler ao participar de reuniões do Laboratório do Manuscrito Literário (LML-FFLCH-USP):

“Num encontro entre pesquisadores franceses e brasileiros organizado no Instituto de Estudos Avançados da USP em 1997, Etienne Guyon, diretor da Escola Normal Superior de Paris na época, propôs a reutilização dos cadernos de observações que infelizmente deixaram de existir com o advento dos computadores na maioria dos campos de saberes [...]. Por que recomeçar a utilizá-los? Porque os cadernos permitem registrar informações muitas vezes consideradas inúteis, índices secundários, que podem ser reexaminados e provocar descobertas geniais. Relendo seu caderno de

observações, o físico Osheroff dos Estados Unidos constatou o erro de uma curvatura contínua que achava certa na primeira escritura e descobriu a superfluididade do hélio III que lhe deu o prêmio Nobel 1996.”

A crítica genética tem por objetivo interpretar *processos* criativos de obras artísticas modernas, do século XIX em diante, juntamente com a análise e interpretação das obras publicadas. Em literatura especificamente, estudando os manuscritos de uma obra, o geneticista busca compreender os movimentos de produção ou de criação textual. Esses movimentos são detectados através de transformações do texto durante o processo criativo, documentadas nos planos, anotações, rasuras e rascunhos, ou quando se comparam versões diferentes de um texto, desde que modificadas pelo autor. Por meio de uma *análise diacrônica do processo criativo* – da comparação entre as operações de escritura realizadas em vários momentos da criação, incluindo o texto publicado como parte do *corpus* – é possível realizar um estudo genético. Estudar os manuscritos e os processos criativos de uma obra literária é o mesmo que *retrair* certas partes do percurso criativo.

OS MANUSCRITOS E A CRÍTICA LITERÁRIA: MEMÓRIA E CONCRETUDE

Em 1980, quando a poeta, dramaturga e ficcionista Hilda Hilst (Jaú, 1930 – Campinas, 2004) completa 50 anos, publica *Da morte. Odes mínimas*, obra formada intencionalmente por 50 poemas, o que está registrado em seus manuscritos, adquiridos pela UNICAMP, em 1995 e em 2003, e conservados no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”, do Instituto de Estudos da Linguagem (CEDAE-IEL).² A correspondência entre

2. A propósito da relação entre a idade de Hilda Hilst em 1980 (50 anos) e o projeto de concretizar a obra *Da morte. Odes mínimas* estruturada com 50 poemas, consultar manuscrito publicado na *Manuscritica* 10, p.150.

a idade do poeta e a quantidade de poemas de um livro foi explorada meio século antes pelo poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), quando publicou seus “Veinte poemas de amor y una canción desesperada” (1924): “Si ‘Crepusculario’ le valió un nombre destacado en la República, los ‘Veinte poemas’ le colocarán muy alto entre los líricos modernos de lengua hispana. Y Pablo Neruda alcanza el vértice más luminoso al cumplir los veinte años”.³

Estudando os manuscritos das *Odes mínimas*, nota-se que os processos criativos podem ser observados em dois grandes momentos: num primeiro, predomina a criação de poemas, e em seguida, a produção do livro. Quando Hilda Hilst cria poemas, muitas vezes tem em mente o projeto do livro que pretende criar, como se observa em manuscritos. Quando monta seus livros, a escritora geralmente trabalha com poemas datilografados, mudando a seqüência dos textos várias vezes, o que fica registrado quando há mais de uma numeração por página. Ao montar seus livros, costuma datilografar o título da obra que está construindo, a dedicatória e os subtítulos dos livros que têm mais de uma parte, às vezes realizando acréscimos à mão. Hilda Hilst não programa a criação de seus poemas, mas a montagem dos livros exige um projeto, que costuma se definir por temas e pela estrutura formal dos poemas. A sucessão de poemas, em *Amavisse* e nas *Odes mínimas*, foi repensada e reorganizada várias vezes.

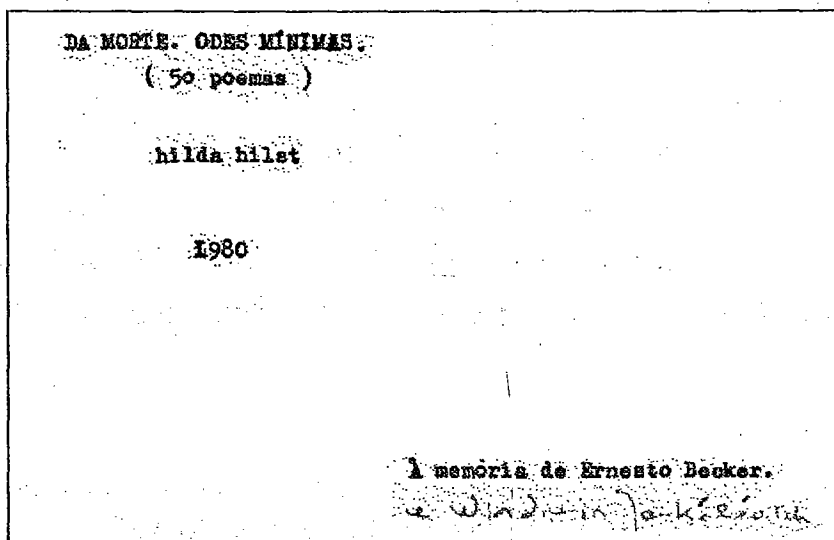
Nas *Odes mínimas*, o eu lírico – que se assume como poeta e mulher – tenta dialogar com a Morte. Há sempre marcas da 2ª pessoa do discurso nestes poemas em que o eu procura conhecer e compreender a Morte e seu duplo, o Tempo-Morte. As três séries das *Odes mínimas* formam juntas 50 poemas, indicação encontrada pelo menos duas vezes nos manuscritos. Na edição das *Odes mínimas* de 1980 (co-edição Massao Ohno/Roswitha

3. *Cuadernos de PROA en las Letras y en las Artes*. Tercera Época, cuaderno no 1. Buenos Aires, junio de 1999, p.37 (frase atribuída a Borges).

Kempf), os “desenhos de Hilda Hilst” – que passaremos a chamar de **desenhos e poemas preparatórios para as *Odes mínimas*** – servem como preparação para os 50 poemas da obra em questão. Esses desenhos, na edição de 1980, são apresentados antes da abertura do livro:



A preocupação com a quantidade de poemas de um livro é freqüente nos projetos e manuscritos de Hilda Hilst. Compor *Odes mínimas* com 50 poemas é um projeto da autora d'*A obscena senhora D.*



Nesse caso, os manuscritos e a edição de 1980 servem como documentos que corroboram a interpretação dos desenhos e poemas iniciais como preparatórios; são, portanto, poemas e desenhos que não fazem parte da obra *Da morte. Odes mínimas*. Vale ressaltar que nem os seis poemas nem os desenhos preparatórios foram publicados na edição das *Odes mínimas* em *Poesia (1959-1979)*, o que prova uma vez mais a independência entre os poemas preparatórios e os 50 poemas das *Odes mínimas*.

A informação “50 poemas”, registrada em manuscritos e na 1ª edição da obra, é essencial neste projeto de Hilda Hilst, pois leva-nos a ver com clareza que os poemas que antecedem as *Odes mínimas* não fazem parte da obra, pois, juntos, formam 56 poemas. Considerar os seis poemas preparatórios como uma parte da obra é cometer um erro de interpretação, já que a escritora, ao longo dos projetos e do desenvolvimento da obra, deixa evidente a quantidade de poemas que marca sua estrutura formal: **cinquenta**. A 1ª edição da obra, sob os cuidados do amigo e editor Massao Ohno, reproduz essa informação dos manuscritos. Ao contrário, edições posteriores não incluem essa informação valiosa dos manuscritos e da edição de 1980. Conseqüentemente, ao menos dois trabalhos de crítica – que não consideram o estudo dos manuscritos – cometem o erro de interpretar *Da morte. Odes mínimas* como se fosse um livro formado por quatro partes. As séries das *Odes mínimas* estruturam-se por unidades temáticas e pelo tom dominante de cada uma. As três séries, juntas, formam 50 poemas, mantendo o projeto de Hilda Hilst documentado em vários manuscritos:

- **1ª parte - 40 poemas** - *Da morte. Odes mínimas*, extensão do título da obra.⁴ Nesta série, a Morte é descrita a partir de inúmeras formas e nomes, como o eu lírico anuncia desde os primeiros versos do poema I: “Te batizar de novo./ Te nomear num trançado de teias.”

4. Quando seus livros de poemas são divididos em partes, Hilda Hilst costuma nomear a primeira com o mesmo título da obra.

- **2ª parte - 5 poemas - *Tempo-Morte*.** O título da 2ª parte foi planejado em manuscritos das *Odes mínimas* por meio de duas possibilidades: “Do Tempo” e “Tempo-Morte”. Hilda decide optar pelo segundo subtítulo quando insere, entre os datiloscritos, uma folha contendo o subtítulo “TEMPO MORTE” escrito à mão. O neologismo “Tempo-Morte” harmoniza-se com o contexto da obra. Se essa 2ª parte se chamasse “Do Tempo”, a relação com a Morte, sendo tempo uma palavra masculina, e morte, feminina, ficaria *pouco ou nada evidente* para muitos leitores. Se o leitor considerasse que a poeta fala com o Tempo nessa 2ª parte, teria dificuldade de entender com quem a poeta fala na 3ª parte, pois não há marcas concretas da 2ª pessoa do discurso. Com o uso da expressão “Tempo-Morte”, é possível afirmar que o eu lírico direciona-se à Morte em todos os poemas das *Odes mínimas*.
- **3ª parte - 5 poemas - *À tua frente. Em vaidade*.** Trata-se de poemas-afrontas que se concretizam por meio de perguntas e afirmações, num tom ameaçador, direcionadas ao Tempo-Morte.

Os documentos de processo das *Odes mínimas* apresentam um exemplo bastante claro de que os manuscritos, datiloscritos e documentos digitados servem realmente como *documentos* para o crítico, permitindo uma leitura mais coerente com o projeto original do autor.⁵ O crítico que pesquisa o acervo de originais de um escritor certamente procura interpretar a obra da forma mais próxima possível ao projeto do autor, no caso, Hilda Hilst.

Caso semelhante ao estudado anteriormente é o do sufixo-oso, que surge incansáveis vezes nos manuscritos das *Odes mínimas* e que influenciou na tradução do poema III de “Tempo-Morte”.

5. **Documentos de processo:** proposto por Cecília Almeida Salles, esse termo, mais amplo que manuscrito, serve para designar todo tipo de suporte material que registre processos criativos.

OS MANUSCRITOS LITERÁRIOS E A TRADUÇÃO:
JUBILÂNCIA... RÉJOUISSANCE...

Calmoso, longal e rês
 Tu não o sentes
 Nem vês.

Atravessa lerdo
 O adro do teu desgosto.

Na jubilância escorrega
 Mas depois passa
 Furioso. Passou. Assovio? Seta?

Teus dentes. Teu sapato novo.
 O branco da tua casa.
 Tua voz adolescente.
 Ele carrega memória e concretude.

Vasto atravessa.

Hilda Hilst. In: *Da morte. Odes mínimas*

Calmé, allongé, bétail
 Tu ne le sens
 Ni le voit.

Il traverse *lento*
 L'atrium de ton dégoût.

Sur la réjouissance il glisse
 Mais puis il passe
 Furieux. Il passa. Sifflement? Flèche?

Tes dents. Ta chaussure neuve.
 Le blanc de ta maison.
 Ta voix adolescente.
 Il amène mémoire et concretude.

Vaste il traverse.

Tradução: Cristiane Grando

HH

Ache o sentido e o corte
 a palavra lâmina
 longal no som e na sorte.
 Ache se achando
 colada chama
 sorvida devagar.
 Traduzir.

Telê Ancona Lopez

A fim de explorar as possíveis relações entre genética e tradução, traduzimos um poema de Hilda Hilst tendo em vista o estudo dos manuscritos.⁶ O poema e sua tradução seguem acima,

6. Esta pesquisa é resultado de um estudo desenvolvido e apresentado no curso *Introduction à la Génétique des Textes* (Paris IV-Sorbonne, 2001), ministrado pelo Prof. Dr. Pierre-Marc de Biasi, a quem agradeço pelos comentários que redirecionaram a tradução do poema. Este estudo, desenvolvido durante um estágio no *Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM-CNRS)*, recebeu apoio financeiro da FAPESP.

como epígrafe. Alguns manuscritos da obra *Da morte. Odes mínimas* e o resultado da pesquisa foram publicados no artigo “Genética e tradução: a poética de Hilda Hilst” (*Manuscrita* 10. São Paulo: junho de 2001, p.141-153). No momento, estou iniciando, com supervisão do Prof. Dr. Jorge Coli (IFCH-UNICAMP), a pesquisa de pós-doutorado “Do desejo e da morte: tradução de poemas de Hilda Hilst para o francês a partir do estudo dos manuscritos”, financiada pela FAPESP. Novos resultados nas áreas da genética e da tradução serão apresentados em edições futuras desta revista de crítica genética.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A partir dos exemplos estudados, de manuscritos e da obra *Da morte. Odes mínimas*, de Hilda Hilst, provamos que tanto a tradução quanto a análise e interpretação literárias ganham em objetividade quando existe a pesquisa de manuscritos: os documentos de processo indicam caminhos de leitura mais exatos e fiéis ao projeto original do escritor. Mesmo se o tradutor e o crítico não optem por realizar uma análise genética, a consulta e a leitura de manuscritos da obra estudada – originais ou reproduções em fac-símile apresentados em teses, livros e artigos – servem como meio para alcançar um trabalho fiel ao projeto do escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Gabriel. *Deus, Amor, Morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst*. São Paulo: FFLCH-USP, 2002 (Tese de doutorado).
- Anthologie de la poésie brésilienne*. Edição bilíngüe. Prefácio e seleção de Renata Pallottini. Trad. de Isabel Meyrelles. Paris: Ed. Chandeigne, 1998, p.373-381.
- BIASI, Pierre-Marc de. *La Génétique des Textes*. Paris: Nathan, 2000.
- BOURJEA, Michelle. “Le corps d’écriture vive de Clarice”. In: BOURJEA, Serge (org.). *Génétique et traduction*. Paris: Harmattan, 1995, p.201-221.

- BOURJEA, Serge (org.). "Avant-propos". In: *Génétique et traduction*. Paris: Harmattan, 1995, p.5-8.
- CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Genèses: deuxième congrès international de critique génétique*. Paris: ITEM-CNRS, 9-12 septembre 1998, p.67-72.
- GHAZZAOUI, Fátima. *O passo, a carne e a posse*. Ensaio sobre *da morte. odes mínimas* de Hilda Hilst. São Paulo: FFLCH-USP, 2003 (Dissertação de mestrado).
- GRANDO, Cristiane. *Amavisse de Hilda Hilst: edição genética e crítica*. São Paulo: FFLCH-USP, 1998 (Dissertação de mestrado).
- _____. "Estrutura formal dos poemas de *Amavisse*: os paralelismos hilstianos". In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, nº 8. São Paulo: Annablume/APML, 1999, pp.73-87.
- _____. "Leitura genética do poema 'Se tivesse madeira e ilusões' de Hilda Hilst". *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, nº 7, São Paulo: Annablume/APML, 1998, pp. 91-110.
- _____. "Manuscritos da poesia hilstiana". In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, nº 8. São Paulo: Annablume/APML, 1999, pp. 67-71.
- GRÉVISSE, Maurice. *Le bon usage*. 12^e ed. Revisada por André Goosse. Paris-Gembloux: Duculot, 1988.
- _____; GOOSSE, André. *Nouvelle grammaire française*. 2.ed. Paris – Louvain-la-Neuve: Duculot, 1989.
- HILST, Hilda. *Alcoólicas*. Passa Quatro-MG: Maison de vins, 1990.
- _____. *Amavisse*. São Paulo: Massao Ohno, 1989.
- _____. *L'obscène madame D suivi de Le Chien*. Trad. de Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Gallimard, Coll. Arpenteur, 1997.
- _____. *Contes Sarcastiques (Fragments érotiques)*. Trad. de Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Le Serpent à Plumes, 1999.
- _____. *Da morte. Odes mínimas* (capa de Augusto Rodrigues; ilustr. de Hilda Hilst). São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.
- _____. *Da morte: odes mínimas*. Organização de Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2003.
- _____. *Da morte. Odes mínimas. De la mort. Odes minimes*. Edição bilíngüe. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Nankin Editorial; Montréal: Ed. Noroît, 1998.
- _____. *Poesia (1959-1979)* - (capa de Canton Jr.; ilustr. de Bastico - Sebastião Soares de Sousa; direção de Nelly Novaes Coelho). São Paulo: Quíron/INL, 1980.

- HILST, Hilda. *Sur ta grande face*. Trad. de Michel Riaudel. In: *Pleine Marge: cahiers de littérature, d'arts plastiques & critique*. Paris: Éditions Peeters-France, 1997, p. 29-51.
- LEDEANU, Alina. "La traduction comme lecture génétique". In: BOURJEA, Serge (org.). *Génétique et traduction*. Paris: Harmattan, 1995, p.59-64.
- LINDON, Mathieu. "Hilda Hilst, la mère des sarcasmes". In: *Le Cahier Livres de Libération*. Paris: 17 novembre 1994, p.6.
- RIAUDEL, Michel; OLIVIERI-GODET, Rita. "Hilda Hilst et Adélia Prado: Poèmes". In: *Pleine Marge: cahiers de littérature, d'arts plastiques & critique*. Paris: Éditions Peeters-France, 1997, p. 29-51.
- ROBINSON-VALÉRY, Judith. "Le chant et l'état chantant chez Valéry". In: LAURENTI, Huguette (org.). *Paul Valéry 5: musique et architecture: la revue des Lettres Modernes*. Paris: Minard, 1987, p. 77-91.
- SALLES, Cecília Almeida. "Documentos de processo" (<http://utopia.com.br/apml>).
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. "Reconstruction génétique et traduction allemande de 'La révélation anagogique' de Paul Valéry". In: BOURJEA, Serge (org.). *Génétique et traduction*. Paris: Harmattan, 1995, p.65-81.
- UTEZA, Francis. "Herméneutique et traduction dans *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa". In: BOURJEA, Serge (org.). *Génétique et traduction*. Paris: Harmattan, 1995, p.223-236.
- WILLEMART, Philippe. *A pequena letra em teoria literária. A literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure*. São Paulo: Annablume, 1997 (Coleção Parcours).
- _____. "Criação, pesquisa e arte em Marcel Proust (1871-1922)" – texto inédito.